

**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eleonora Zicari Costa de Brito

Por que somos o país do futebol?

Representações do futebol na vida e na obra do jornalista esportivo Mário Rodrigues Filho.

Miguel Eloi de Carvalho Junior

Brasília, 2011

Por que somos o país do futebol?

Representações do futebol na vida e na obra do jornalista esportivo Mário Rodrigues Filho.

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de bacharel em História.

Banca Examinadora

Professora Doutora Eleonora Zicari Costa de Brito (presidente) – HIS/UnB

Professor Mestre Mateus de Andrade Pacheco (Doutorando/HIS)

Professor Mestre Marcelo Gustavo Costa de Brito (Doutorando PPGHIS)

**Brasília
2011**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e familiares. Em especial a minha mãe, Dona Ana, que estava sempre perguntando, “E ai vai fazer monografia”? E ao meu irmão, Willian Anderson, que formatou este trabalho para mim, esta que é de longe a parte mais chata do trabalho.

Agradeço a minha orientadora Professora Doutora Eleonora Zicari pela sua paciência e por suas ricas contribuições sem as quais com certeza o trabalho não teria saído. Porem sua principal contribuição foi a fé que ela depositou em mim, ela sempre acreditou na minha capacidade de realizar esta tarefa, mesmo nos momentos em que eu não acreditava. Então valeu professora, muito obrigado mesmo.

Ao Professor Mestre Luiz Henrique de Azevedo por suas inúmeras contribuições dentro deste trabalho. Por me emprestar o livro fonte utilizado neste trabalho e por me receber tão bem em sua casa. Muito Obrigado.

Por fim agradeço a todos os meus amigos que desde os tempos de colégio e que aqui durante minha graduação na faculdade tiveram que me aguentar ou dentro de campo jogando bola comigo, já que sei que não sou lá grande coisa, ou tendo que aturar minhas intermináveis e por vezes infundadas elucubrações sobre futebol. Muito Obrigado a todos.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho consiste em analisar a participação e o papel do jornalista esportivo Mário Rodrigues Filho (1908 – 1966) na construção do imaginário nacional brasileiro em relação ao futebol. Como fonte se tomará o seu livro “*O Negro no Futebol Brasileiro*”, publicado pela primeira vez em 1947. A vida e a obra deste jornalista ajudaram a produzir um discurso pleno de representações para o futebol brasileiro, e muitas delas seguem até os dias de hoje. Estes discursos contribuíram para a elaboração de uma identidade brasileira ligada ao futebol e uma maneira específica de jogar e encarar o esporte. Assim, esses discursos não se circunscrevem apenas a temática do futebol, mas se expandem englobando temas de caráter identitário e nacional.

Palavras-chave: **História, Futebol, Mário Filho, Representação, Identidades.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPITULO 01: DISCUTINDO NOÇÕES E ABORDAGEM	07
CAPITULO 02: ENTRE VIDAS E CONTEXTOS	14
2.1 Ambiência	14
2.2 A vida	17
2.3 A obra	21
CAPÍTULO 03: MARIO FILHO E AS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO	25
3.1 Construindo o futebol como espetáculo	25
3.2. A luta pela profissionalização	26
3.3. Representações do futebol em <i>O negro no foot-ball brasileiro</i>	28
CONCLUSÃO	37
FONTE DOCUMENTAL	41
BIBLIOGRAFIA	42

INTRODUÇÃO

Diante do universo quase infinito de possibilidades com que o pesquisador se defronta no momento de escolher um tema, principalmente nos dias de hoje quando a Nova História Cultural permitiu ampliar o território da profissão do historiador lançando neste universo de possibilidades uma profusão de novas fontes e temas, decidi me aventurar em um tema que suscita em mim um grande apego emocional, na realidade uma verdadeira paixão, uma verdadeira “paixão nacional”; eu decidi pesquisar sobre o futebol.

Nesta pesquisa pretendo entender como o futebol, assim como outros aspectos envolvendo o que nós entendemos como “cultura”, foi construído histórica e socialmente para se tornar parte importante do imaginário brasileiro e constituinte de nossa identidade nacional.

Para ser mais específico algumas questões são bastante interessantes ao levantarmos este tema, pois existe uma série de afirmações que definem nossa relação com o futebol, como: o Brasil é o país do futebol – por quê? Se o esporte foi criado pelos ingleses que em 1871 e 1872 já organizavam a primeira partida internacional e no Brasil a primeira partida só acontece em 1895¹. Ou quando a Nike lança em suas duas últimas campanhas de camisa da seleção brasileira a seguinte frase nas camisas, *Nascido para jogar futebol*² esta ideia combina com a recorrente assertiva de que brasileiro já nasce com a bola no pé. Bem, de onde tiraram isso? Afinal, nem todo brasileiro joga futebol e é bem verdade que nem todo brasileiro gosta de futebol. Então como explicar todo esse imaginário que envolve o brasileiro e o futebol?

Dito isso fica perceptível como o futebol, em seu começo aqui no Brasil, início do século XX, não fazia parte dos ditos esportes populares, mas mesmo assim, a partir de uma série de fatores, da qual esta pesquisa deverá se ocupar oportunamente, ele hoje ocupa um lugar de destaque no imaginário brasileiro. Dentre estes fatores, a participação de jornalistas e

¹ BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2006, p. 53-54.

² Na atual camisa dentro do site da Nike temos esta chamada: “Com um talento nato para o futebol, o Brasil com uma mistura de criatividade e autoconfiança que inspira sua nação e intimida qualquer adversário...” http://www.nike.com/nikefootball/teams/brazil?locale=pt_BR

cronistas no início do processo de popularização do futebol foi muito importante na construção do futebol como mais um aspecto da identidade cultural brasileira.

O esforço de delimitação de meu objeto levou-me a focar minha investigação em um personagem, o jornalista esportivo Mário Rodrigues Filho, e a escolha deste personagem não é nenhuma surpresa, pois sua relevância é lembrada em praticamente todos os trabalhos que tratam do caráter cultural do futebol.³ Categorias presentes nos estudos de História Cultural como *identidade, imaginário e representação*, serão as peças chave de compreensão deste tema.

Assim, pretendo analisar a participação e a relevância que o jornalista esportivo Mário Rodrigues Filho (1908 – 1966) teve na construção do imaginário nacional brasileiro em relação ao futebol. Pretendo analisar sua trajetória no Rio de Janeiro, o contexto desta cidade a partir da primeira década do século XX, e as ideias presentes em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (NFB) de 1947.

³ Bem, só neste trabalho, os principais livros utilizados fazem menção ávida à obra deste jornalista: ANTUNES, Fátima M. Ferreira. *Com Brasileiro, Não Há quem Possa! Futebol e Identidade Nacional em Jose Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. UNESP, 2004; BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de viralatas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2006; LOPES, José S. Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista USP, Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n. 22(jun-ago), p. 64-83. 1994; SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, 221.

CAPÍTULO 01 – DISCUTINDO NOÇÕES E ABORDAGEM

Na tentativa de acessar, a partir do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de 1947, a participação de Mário Rodrigues Filho na construção da representação da identidade nacional brasileira a respeito do futebol, fica clara a necessidade de recorrer a categorias de análise como *representação, memória e identidade*. Tais conceitos envolvem uma abordagem ancorada nas bases da Nova História Cultural.

Um dos principais ícones da Nova História Cultural Francesa iniciada na década de 80, Roger Chartier ajudou a pensar as bases desta nova forma de se olhar a história. Os conceitos elaborados por ele irão ajudar a fomentar as bases para este trabalho.

Sobre a Nova História Cultural e seu objetivo Chartier coloca:

É preciso pensá-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: Todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas que constroem suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural.⁴

Chartier compreende este tipo de análise como “o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Dirige-se às práticas que pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo.”⁵ Entendendo o futebol como uma prática cultural, e como tal produzida historicamente por práticas discursivas articuladas que classificam, configuram e representam à realidade social brasileira, os discursos produzidos por Mário Filho podem ser inseridos junto aos esquemas e processos que construíram este sentido cultural ao futebol.

Dentre os conceitos apresentados anteriormente o de *representação* figura como peça chave nos estudos embasados na História Cultural. Como escreveu o próprio Chartier:

⁴ CHARTIER, Roger. História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990. p. 27.

⁵ Idem, ibidem, p. 27.

“Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção (representação) a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural.”⁶

O ser humano está preso à necessidade de representar, de informar, de ordenar e classificar o mundo a sua volta. É por isso que são tão importantes na vida cotidiana, pois guiam nossas atitudes, escolhas e maneiras de se portar diante do mundo, diante da realidade. Sobre a definição desta importante categoria Sandra Pesavento nos diz:

As representações construídas não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem da realidade.⁷

Como também nos mostra Denise Jodelet:

A representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. (...) Reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistema de interpretação que regem as condutas com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais.⁸

Como os conceitos aqui apresentados nos mostram as representações sociais são fenômenos complexos e dinâmicos e estão presentes em todos os aspectos da vida social. Contudo os diferentes elementos que formam a representação social são organizados, são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas), ou seja, é possível a partir da investigação científica descrevê-las, analisá-las e explicá-las, em suas dimensões, formas, processos e funcionamento.

Assim dentro dos mais variados processos sociais em que se insere o estudo das representações, este trabalho pretende focar seus esforços no campo da definição de identidades pessoais, sociais e da expressão de grupos. Em outras palavras:

... a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma

⁶ Idem, p. 23.

⁷ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 p. 40.

⁸ JODELET, Denise. “Representações sociais um domínio em expansão”. In: Denise Jodelet (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.22.

construção e uma expressão do sujeito. Mas a particularidade do estudo das representações sociais é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais, ou culturais do sujeito.⁹

Trabalhando assim sobre as representações que os grupos fazem deles próprios é possível voltar nossa atenção sobre as estratégias que determinam posições e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um “ser - apreendido” constitutivo de sua identidade. Assim a representação tem função importante na construção e manutenção da identidade, bem como na definição da alteridade. Neste trabalho veremos como a representação construída em cima de uma prática desportiva gerou um dos mais marcantes traços da identidade nacional brasileira.

As reflexões até aqui apresentadas mostram como a representação possui o caráter de conhecimento produzido e construído com uma finalidade, mais especificamente neste trabalho, com a finalidade de construir sentimentos de identidade coletiva. Dentre as variadas maneiras de construir um tipo de representação a memória constitui um dos artifícios mais importantes. Michel Pollak nos diz:

A memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória que também ao definir o que é comum ao grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais.¹⁰

Esta capacidade de constituir “sentimentos de pertencimento” e “fronteiras socioculturais” configura sua importância na criação de identidade, assim como de alteridade.

Contudo neste trabalho não tratamos de qualquer memória, ou qualquer identidade, mas de uma memória específica, a memória nacional. Michel Pollak entende que a memória nacional representa a forma mais completa de uma memória coletiva. Em sua formação há o constante processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais. Contudo, como Pollak ressalta em seus trabalhos, apesar deste caráter de superioridade da memória nacional, ele não vê nela uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, ele acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva do grupo. E deste complexo processo de negociação entre memórias ele nos diz:

⁹ Idem, *ibidem*, p. 27.

¹⁰ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, Rio de Janeiro, 1989, p. 1.

O problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emerja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples “montagem” ideológica, por definição precária e frágil.¹¹

Todo processo de enquadramento – conceito utilizado por vários autores entre eles Michel Pollak¹² – da memória tem seus limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Este processo deve satisfazer certas exigências. Deve preencher expectativas de todos os grupos, deve preencher exigências de justificação. Assim todo o trabalho de construção de memórias nacionais, processo crucial na formação de identidades, é contido por exigências de credibilidade que dependem dos variados discursos utilizados em sua elaboração.

Mário Rodrigues Filho através de todo seu histórico no jornalismo esportivo constitui um dos mais fortes e importantes discursos na formação de uma memória nacional com credibilidade e aceitação, em que o processo de negociação entre as diferentes memórias individuais e coletivas a respeito do futebol gerou um forte sentimento de pertencimento, não imposto pela força, mas sim pela identificação com o gosto e desejo da maioria dos brasileiros.

Como visto a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, e identidade será o conceito a ser abordado agora. Ele é assim definido por Sandra Pesavento:

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sentido compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo do indivíduo frente a uma coletividade e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir de uma identificação de alteridade. Frente ao ‘eu’ ou ao ‘nós’ do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro.¹³

¹¹ Idem, *Ibidem*, p. 7.

¹² Idem, p. 7. A ideia de enquadramento: “Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, implica preliminarmente a análise de sua função... Manter e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum e que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. É portanto absolutamente adequado falar, como faz Henry Rousso, em memória enquadrada, um termo mais específico do que memorial coletiva. Quem diz ‘enquadrada’ diz ‘trabalho de enquadramento’.

¹³ PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural...* Op cit., p. 89-90.

Como a definição aqui apresentada mostra a identidade é um conceito relacional, ou seja, identidade só existe em relação à diferença. Identidade e diferença são inseparáveis e interdependentes, pois a definição de uma só existe em contraposição com a outra. Assim identidade e diferença são elementos complementares criados a partir do processo de diferenciação¹⁴. Para Tomaz Tadeu este é o processo central pelo qual identidade e diferença são produzidas. E neste trecho Luiz Henrique de Azevedo Borges mostra bem como o futebol desempenha este papel:

No Brasil o futebol passou a ser jogado cotidianamente há pouco mais de um século e tornou-se uma das nossas maiores riquezas como nação, uma das nossas principais caixas de ressonância social e um elemento que nos identifica como brasileiros, tanto aqui, como no exterior.¹⁵

Neste trecho fica claro como o futebol já é, há muito, considerado parte integrante da identidade nacional brasileira, pois consegue reproduzir elementos de coesão social, identidade e também de diferenciação.

É impossível falar de identidade sem voltar ao conceito de representação, pois, “Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação.”¹⁶ A representação é aqui compreendida como uma forma de atribuição de sentido e é só a partir dela que identidade e diferença podem existir. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido.

É também por meio dela que estes dois conceitos se ligam às relações de poder. A luta pela definição destas categorias é feita por aqueles que detêm o poder de classificar e hierarquizar. Assim:

A afirmação de identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais de garantir acesso privilegiado aos bens sociais. (...) A identidade e a diferença não são nunca inocentes. Podemos dizer que onde existe a diferenciação – identidade e diferença – aí está presente o poder.¹⁷

¹⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença” In: Tomaz Tadeu da Silva (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 81.

¹⁵ BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de História, 2006, p. 31-32.

¹⁶ SILVA, Tomaz Tadeu da. Op cit., p. 89.

¹⁷ Idem, Ibidem, p. 81.

Este caráter de produção revela o fato (já bastante discutido nos meios acadêmicos) de que representação, identidade e diferença não são elementos naturais, não estão prontas e dadas apenas esperando para serem descobertas ou muito menos dados prontos da vida social no qual o indivíduo deva se posicionar. São sim constructos sociais e culturais elaborados por atores sociais que ocupando posições privilegiadas, ou lugares específicos de fala, podem assim produzir discursos sobre um determinado tema.

Ao falar destes lugares de fala nos voltamos à ideia de que discursos de representação, entre eles os que envolvem identidade, são atos de criação linguísticos.¹⁸ Isso implica em dizer e é mais um indício de que elementos que formam a identidade não são “elementos da natureza”, não são essências, que não são coisas que estão simplesmente aí para serem descobertas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas, ter que ser criadas. Em outras palavras, devemos sempre se lembrar do caráter performativo da constituição de identidades, ou de qualquer discurso de representação, a palavra cria o fato e sua representação. Porém o poder simbólico do discurso não consiste apenas na palavra, mas também e principalmente, na posição do porta-voz deste discurso. Na verdade o poder simbólico da palavra não reside no fato de estar na boca do portador, mas sim por envolver uma série de fatores que dão força de verdade e legitimidade a estas palavras, fatores como: o que se fala; quem fala; para quem se fala; a instituição que autoriza a fala. Todos estes requisitos autorizam e legitimam o discurso proferido dotando-o com características de verdade. No caso de Mário Filho seu lugar de fala é o de um jornalista e Denise Jodelet nos mostra como a comunicação tem grande poder no processo de representação:

Destes exemplos, sobressai a importância primordial da comunicação nos fenômenos representativos. Primeiro ela é o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representação. Em seguida, ela incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, à medida que engaja processos de interação social, influência, consenso ou dissenso e polêmica. Finalmente ela contribui para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes para a vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que explicam, juntamente com o poder performático das palavras e dos discursos, a força com a qual as representações instauram versões da realidade, comuns e partilhadas.¹⁹

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 81.

¹⁹ JODELET, Denise. “Representações sociais um domínio em expansão. In: Denise Jodelet (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.32.

É ai que se insere Mário Rodrigues Filho, jornalista esportivo que pode acompanhar de perto o nascimento e crescimento do futebol e pode através da comunicação produzir discursos de representação que ajudaram a produzir esta relação que hoje temos com o futebol.

CAPÍTULO 02: ENTRE VIDAS E CONTEXTOS

2.1. Ambiência

Os debates em torno da noção de contexto evoluíram bastante a partir de discussões metodológicas propostas pela Nova História Cultural²⁰, e principalmente com o advento da micro-história, debates ocorridos nos últimos anos do século 20. Ao longo dos anos a noção de contexto foi pouco criticada e revisada dentro das ciências sociais e, de acordo com Revel, sendo neste período utilizado com três principais objetivos: o objetivo retórico, em que o contexto produz um efeito de realidade sobre o objeto estudado; o objetivo argumentativo que apresenta as condições gerais nas quais o objeto de estudo se “encaixa”; o objetivo interpretativo, em que a partir do contexto é possível inferir as razões gerais que explicam as particularidades de seu objeto. Uma nova abordagem para esta noção é definida por Jacques Revel:

A originalidade da abordagem micro-histórica parece estar em recusar a evidência que subentende todos os usos que acabamos de citar: a saber, existiria um contexto unificado, homogêneo, dentro do qual e em função do qual os atores sociais determinariam suas escolhas.²¹

Assim, os historiadores são convidados a romper com a ideia de um contexto dado e pronto no qual todos os atores sociais fariam suas escolhas. Na prática o que se propõe é a inversão do procedimento habitual de partir do contexto para situar e interpretar o texto/fonte. Como nos explica Revel: “O que é proposto, ao contrário, é constituir a *pluralidade dos contextos* que são necessários a compreensão dos comportamentos observados”²²

Ao contextualizar os primeiros anos de formação do futebol no Brasil ainda estarei aparentemente ligado àqueles primeiros objetivos que as ciências sociais traçaram para a noção de contexto, mas pretendo ao final do trabalho mostrar como na formação deste contexto foi necessário partir de uma pluralidade de contextos e como este trabalho, assim

²⁰ Ver, por exemplo, CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

²¹ REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

²² Idem, p. 27. (grifos meus)

como outros estudos acadêmicos, ajudam a dar visibilidade a novos e diferentes contextos, dando outros contornos à realidade trabalhada, abrindo-a a ângulos ainda não contemplados.

Mas falando de futebol, é consenso entre vários estudiosos que foi Charles Miller quem oficialmente introduziu o futebol no Brasil, mais especificamente em São Paulo e dois anos depois Oscar Cox, no Rio. Foi assim que no final do século XIX o futebol passou a ser regularmente praticado por clubes. Tanto Miller quanto Cox são oriundo de famílias ricas e tal semelhança vai sinalizar a principal característica do início do futebol no Brasil, um jogo praticado pela elite brasileira. E assim foi o começo do futebol:

Em seus primórdios o futebol no Brasil era uma prática esportiva marcada pelo elitismo e também pelo racismo, sendo praticado, ao menos nos clubes, exclusivamente por brancos, fossem eles brasileiros ou estrangeiros. Não era admitida a participação nos jogos por eles organizados de negros, mestiços e brancos pobres. Nas arquibancadas os torcedores estavam sempre bem trajados, de ternos, coletes, chapéus e bengalas. As mulheres também assistiam aos jogos, usando longos vestidos, belos chapéus e sombrinhas. O futebol era um verdadeiro encontro social e as arquibancadas pareciam um salão de festas.²³

Não diferente de outros esportes de exclusividade da elite, a pompa e a ostentação estavam sempre presentes nos jogos de futebol, assim como ocorria com o remo praticado no Rio de Janeiro. Porém, diferente do remo, o futebol não precisava de caros equipamentos para sua prática, bastava um terreno de terra batida e uma bola que poderia ser de couro, pano ou mesmo de meia para que fosse praticado. Assim, a simplicidade nas regras e a facilidade com que se podia praticar ajudaram a disseminar rapidamente este jogo das elites por todos os cantos do Brasil. E foi assim que o futebol apareceu marcado pelo mais puro amadorismo.

Porém, o início das organizações e dos clubes só foi possível entre as elites que gastavam do seu próprio dinheiro para custear os jogos. Era também uma forma de manter as pessoas de classes menos favorecidas fora do jogo com altos valores cobrados no ato de se associar e altas mensalidades.²⁴

O Brasil passava por um intenso processo de industrialização e de urbanização. Neste período somaram-se aspectos excepcionais para o processo de industrialização no

²³ BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2006, p. 56.

²⁴ Idem, p. 57.

Brasil: “capital, mão-de-obra, mercado relativamente concentrado, matéria prima disponível e barata, capacidade geradora de energia e um sistema de transportes ligado aos portos.”²⁵ Tais mudanças também refletiram no futebol.

Na verdade todo o jogo mudou. Mais e mais pessoas passaram a jogar futebol diariamente. Pobres, negros, mulatos todos adotaram o futebol como esporte de lazer e, dentro das fábricas, os trabalhadores eram incentivados a jogar.²⁶ A torcida, antes composta apenas por sócios dos clubes e suas senhoritas, era agora composta por membros das mais diversas classes sociais. Como belamente escreve Luiz Henrique de Azevedo Borges: “O futebol revelou-se claramente um fenômeno de ilimitado alcance social”.²⁷

O grande hiato que separava a elite branca das demais classes já não era mais tão grande assim e parecia impossível impedi-lo de continuar a diminuir. A popularização do futebol na primeira década do século XX transformou-o de esporte da elite em esporte de todos. Já não fazia mais sentido pensar em futebol como um esporte de lazer só das elites, precisava-se de um novo esquema para acomodar este esporte, e no final da década de 20 à profissionalização já era bastante discutida no Brasil.²⁸

Durante esses anos o esporte passou por um intenso processo de ampliação e democratização. As torcidas cresceram transformando os jogos em negócios lucrativos para os clubes. Os jogadores eram recrutados em todas as classes sociais e começaram a exigir remunerações que coincidissem com sua importância e sucesso. Todo este processo culminou com a profissionalização em 1933, no Rio de Janeiro.²⁹

Porem é importante perceber como este foi um processo amplo e complexo. Como nos mostra Denaldo A. de Souza:

²⁵ SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 30.

²⁶ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro Irmãos Pongetti, 1947. p. 35. “E o Bangú tinha os seus ingleses, mais brancos que os brasileiros do Botafogo. Tinha seus ingleses, mas tinha também seus operários, os seus brancos pobres, os seus mulatos, os seus pretos. O que distinguia o Bangú do Botafogo e do Fluminense era o operário. O Bangú time de fabrica botava seus operários em pé de igualdade com os mestres ingleses.”

²⁷ BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2006, p. 59.

²⁸ SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! ... Op cit., p. 40.*

²⁹ Idem, p. 40.

Não podemos esquecer que, se o futebol se profissionalizou, deveu-se às inúmeras transformações ocorridas na sociedade brasileira desde o final do século XIX. A intensa industrialização, a urbanização dos grandes centros, a luta por reconhecimento econômico e social da população pobre e negra, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a transformação dos esportes em espetáculo de massa explicam a introdução do profissionalismo em 1933 como fruto de um processo histórico mais amplo e complexo.³⁰

Encerro aqui esta parte porque pretendo colocar apenas os primeiros passos deste esporte aqui no Brasil e também porque é neste momento que fica ainda mais evidente a importância de Mário Rodrigues Filho na construção dos significados deste esporte. Para seu crescimento foi necessário que ele se tornasse um espetáculo de massa e é assim mesmo que Nelson Rodrigues define seu irmão: “Mário Filho foi, no futebol brasileiro, um criador de multidões”³¹.

2.2. A vida

Ao longo dos anos a importância que a história deu para a questão biográfica variou bastante. Já entenderam a história de vida dos indivíduos como importante função heurística da realidade, como também já a compreenderam como tendo mera função sugestiva ou ilustrativa. Porém no final do século XX os debates historiográficos passaram a questionar o modelo utilizado na terceira geração dos Anales, a macro-história, que prezava por uma história de grandes estruturas e quantitativa. A micro-história surgiu como uma possibilidade de resposta às questões debatidas. A historiografia buscou entender o cotidiano, a identidade e o dinamismo. Neste período os objetos se diversificaram, surgiram mais estudos sobre as populações marginais, mulheres, camponeses e outros. Assim a discussão entre biografia e história ganhou novo arcabouço. Como nos diz Sabrina Loriga:

A fronteira que separa biografia da história sempre foi bastante imprecisa. Em relação a esse ponto, assistimos recentemente a uma reviravolta radical. Após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessavam pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações.³²

A maneira de se fazer biografias mudou atualmente a biografia deixou de ser somente um apanhado de realizações e cronologia da vida do personagem, mas responde questões sobre um período e apresenta o indivíduo como múltiplo e capaz de alterar

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 40-41.

³¹ RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 09- 10.

³² LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225.

personalidade e realizações.

O presente trabalho não tem como principal característica o aspecto biográfico, mas se utiliza dele para atender aos seus questionamentos. Então coloquei aqui alguns debates em torno deste tema, biografia e história, mas neste trabalho retorno as suas origens e retomo aqui a ideia do herói, do homem capaz de se tornar símbolo, daquele que com o tempo será chamado de grande homem.³³ Tratarei agora da vida deste homem.

Mário Rodrigues Filho nasceu em Recife no ano 1908.³⁴ Era o terceiro de uma série de treze filhos, composta por figuras igualmente ilustres como o jornalista e cronista Nelson Rodrigues, o artista plástico Roberto Rodrigues e o cineasta Milton Rodrigues. Em 1916 seu pai, o jornalista Mário Rodrigues, trouxe toda a sua família para o Rio de Janeiro. Neste período Mário Rodrigues ganhou muito destaque no meio por uma concepção de jornalismo político bastante agressivo, em que empreendia diversos ataques pessoais a homens públicos, assim como pela página criminal que assinava e na qual esmiuçava a vida particular das vítimas e dos suspeitos.

Em 1925 Mário Rodrigues adquire seu próprio jornal, o *A Manhã*, e desde cedo se utilizou do talento de seus filhos mais velhos, para os quais o trabalho precoce e o aprendizado prático do jornalismo substituíram a escola. Neste jornal, o primeiro trabalho de Mário Filho foi como gerente. Ficou quase um ano no cargo e assim que pode passou às páginas literárias onde publicava semanalmente contos, trechos de romances e poemas. Em 1927 abandonou a página literária, recusou a vaga de repórter parlamentar oferecida por seu pai e se voltou exclusivamente para a página de esportes, assunto que não abandonaria nunca mais.

Nesta época a página de esportes ocupava apenas uma ou duas colunas de página e os repórteres esportivos a posição mais baixa na hierarquia dos jornalistas. Mário filho mudou este cenário revolucionando o tratamento dado às páginas esportivas. À época, os jornais eventualmente publicavam uma página de um grande jogo, mas só depois da

³³ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”... Op cit., p. 233-237.

³⁴ Biografia embasada em: BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*: Op cit.; LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n. 22(jun-ago), p. 64-83. 1994; SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!* ... Op cit.

realização da partida e quando o público já sabia o resultado. Sendo filho do patrão, Mário Filho tinha a disposição todos os recursos para investir e valorizar a página esportiva e assim antecipou a produção de notícias desde os treinos ou os momentos que antecedem os jogos, substituiu as fotos dos jogadores de terno e gravata por fotos de suas ações em campo, produziu novos eventos, publicou entrevistas e biografias dos jogadores, deu as páginas esportivas um espaço nunca visto até então.

Em 1929 o *A Crítica*, jornal da família Rodrigues, apoiava o presidente da república e suas articulações para eleger um sucessor nas eleições de 30. Porém, dentro do jornal desencadeia-se uma luta de poder entre os editores da página de política e os das páginas policiais. Esta briga vai terminar com o assassinato de Roberto Rodrigues, segundo filho da família Rodrigues, e em 1930 com a morte do próprio Mário Rodrigues por hemorragia cerebral. Esta situação obrigou Mário Filho e Milton Rodrigues a assumirem toda a responsabilidade pelo jornal. O *A Crítica* foi um dos poucos jornais que continuou seu apoio a Julio Prestes, candidato da situação eleito, e a criticar o candidato da oposição Getulio Vargas e seus aliados. Quando Washington Luiz é coagido a demitir-se e os revolucionários de 30 tomam o poder e o jornal é empastelado.

Com o jornal fechado e a credibilidade da família Rodrigues em baixa, a situação fica bem ruim, momento em que eles chegam à miséria. Em 1931, porém, Roberto Marinho convida Mário Filho para dirigir a página esportiva do jornal *O Globo*. Tal convite é feito em reconhecimento ao excelente trabalho frente às páginas esportivas do jornal de seu pai aonde pode revolucionar o tratamento ao material esportivo, principalmente referente ao futebol. Com isso Mário Filho passa a ser o principal provedor da família Rodrigues e a investir e a se dedicar cada vez mais ao jornalismo esportivo, trabalho que naquele momento passou a gerar a renda de toda a sua família.

Em 1931, com a ajuda de Roberto Marinho, fundou seu próprio jornal esportivo, o *Mundo Esportivo*, que durou apenas oito meses e fechou por falta de verbas, mas deixou como herança a promoção e divulgação do concurso de escolas de samba. Com a falta de jogos no começo do ano Mário Filho transformou o desfile das escolas de samba das comunidades cariocas em uma competição criteriosa, criou um júri e trabalhou exaustivamente o assunto nos dois jornais a que se dedicava então, o *Mundo Esportivo* e *O Globo*. Ao final, o desfile contava com a participação de dezenove escolas e foi um sucesso.

Em 1933 começa a disputa sobre a profissionalização do futebol e Mário Filho se torna um dos mais ferrenhos combatentes em favor do profissionalismo. Os clubes do Rio de Janeiro se dividiam e formavam dois campeonatos diferentes. Como eram poucos clubes a atuarem no bloco profissional era perigoso que os torcedores não se interessassem por um campeonato com tão poucos clubes. Foi neste contexto que Mário Filho como jornalista de *O Globo* pode estar à frente de uma série de campanhas que contribuíram de maneira decisiva para transformar o público dos estádios em favor do profissionalismo. Assim instituiu o campeonato de torcedores de clubes e também prêmios aos pequenos grupos de torcedores mais criativos, mais originais e mais organizados. Ele revalorizou os jogos entre os principais times a partir da história dos clubes e de seus encontros no passado, criando assim os “clássicos”. Uma de suas criações, bastante utilizada até os dias de hoje, é o famoso “Fla – Flu” que ajudou a transformar o Flamengo x Fluminense em um grande clássico.

Em 1936, com a ajuda de dirigentes do Flamengo e Fluminense, ele compra um jornal esportivo fundado na mesma época do *Mundo Esportivo* e que estava falindo: o *Jornal dos Esports*. Assim, após seis anos do fim do *A Crítica*, a família Rodrigues volta a ter a propriedade de um jornal, porém um jornal esportivo e sob tutela de Mário Filho.

Em 1938, ele e Roberto Marinho lançam *O Globo Esportivo*, um jornal semanal com capa em quatro cores, bastante inovador para a época. Assim, com dois periódicos e as páginas esportiva de *O Globo*, Mário Filho, mais que um jornalista, se tornou um divulgador do espetáculo esportivo no Brasil. Em 1949 criou os Jogos da Primavera, uma olimpíada feminina que durou até 1972. Esteve à frente de projetos como os Jogos Infantis, uma olimpíada de criança em que se disputava até provas de bola de gude, e o Torneio de Peladas, uma competição de futebol amador que reunia milhares de atletas no aterro do Flamengo.

No âmbito profissional ajudou a criar o Torneio Rio-São Paulo, em 1950, reunindo os grandes clubes das duas cidades. O evento foi a origem do atual campeonato brasileiro de futebol. Em 1951 organizou a Copa Rio, uma verdadeira copa do mundo de clubes, com a presença de campeões da Argentina, Uruguai, Portugal, Paraguai, Áustria, Alemanha, Suíça, França, Iugoslávia, Itália e clubes brasileiros. Em 1947, Mário Filho se envolve em um de seus principais projetos e se torna um dos principais defensores da construção do estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950, porém seu tamanho e sua localização são bastante criticadas por influentes políticos da época e uma vez mais suas

campanhas na imprensa e sua livre circulação entre meios políticos e clubes acaba por convencer as autoridades envolvidas.

Mário Rodrigues Filho morre em 17 de setembro de 1966, aos 58 anos, logo após a derrota brasileira na copa de 1966. Como homenagem, o estádio do Maracanã passou a ter o seu nome. Como jornalista Mário Filho re-significou o sentido dos jogos de futebol que passaram de simples partidas para espetáculos. Nesta tarefa ele com certeza não foi o único, mas possivelmente o mais representativo.

2.3. A obra

Mário Rodrigues Filho também se destacou como grande escritor sendo um dos primeiros, e se não um dos maiores, a abordar a temática do futebol. Entre seus livros temos: Copa Rio Branco, 32; Histórias do Flamengo; O Romance do foot-ball; Copa do Mundo, 62 e Viagem em torno de Pelé. Porém, suas principais obras encontram-se reunidas nos dois volumes de O negro no foot-ball brasileiro (NFB), cuja primeira edição é 1947 e a segunda da década de 60. Nesta há o incremento de dois capítulos, um voltado às vitórias brasileiras nas copas de 1958 e 1962 e o outro tratando da consagração de Pelé como grande ídolo do Brasil.

Este livro tornou-se uma espécie de referência obrigatória nos estudos acadêmicos sobre o futebol brasileiro, principalmente aqueles envolvendo relações entre futebol, racismo e identidade, e tal fato passou a gerar um maior debate em torno desta obra. Uma das discussões, bastante debatida por Antonio Jorge Soares, trata da forma como o livro NFB vem sendo utilizado dentro dos trabalhos acadêmicos. O autor mostra como os pesquisadores que se utilizam desta fonte não a usam como mais uma fonte que deve ser contrastada com outras e tomam todas as análises empíricas de Mário Filho como evidências que não são submetidas a críticas, em outras palavras, tratam a obra como fonte única, pronta e acabada, sem lhes fazer as devidas críticas. Sobre isso ele diz:

Apenas insisti e insisto que o NFB não pode ser a única fonte que deveríamos utilizar ou repetir ou parafrasear. Procurei destacar que necessitamos e devemos ampliar e aprofundar os levantamentos empíricos no campo da história do futebol, e dos esportes de modo geral. Estou, portanto, levando a sério os autores que afirmam que o futebol é um fenômeno importante da vida social, política e cultural brasileira. Se é importante, não podemos apenas repetir Mário Filho nem os que o repetem.

35

³⁵ SOARES, Antonio Jorge. “Modo de Resposta”. 1999

Concordo que as fontes necessitam de um olhar crítico e de que é preciso confrontá-las com outras fontes para melhor alcançarmos uma descrição/reflexão histórica, a mais aprofundada possível, dos fatos que analisamos. Entendo até que a obra de Mário Filho pode ser entendida mais como um “romance”, como classifica o próprio Soares, pois como o próprio autor afirma,³⁶ o cronista utilizou-se de conversas com amigos nos bares e cafés da cidade para construir seu livro. Soares expõem como Mário Filho, através de artifícios retóricos, consegue dar credibilidade e legitimação a episódios a respeito do futebol, muitas vezes comprovadamente fictícios. Nessa perspectiva, esta obra não poderia ser tratada como uma obra de história. Novamente nas palavras do próprio Soares:

... o livro reflete um clima de época e não uma história no sentido estrito do termo, mesmo porque estaria mais preocupado com os detalhados dos pitorescos causos que narra do que com a verdade positiva ou com a coerência interna.³⁷

A visão contrária a esta, com a qual também concordo, já entende esta obra como uma compilação de relatos da tradição oral do futebol sendo montado basicamente com depoimentos de pessoas envolvidas, em que o autor se utiliza de técnicas da história oral. Assim, com histórias, verdadeiras ou não, o livro tem a capacidade de nos dar acesso às formas pelas quais as pessoas representavam suas relações com o futebol. Nessa perspectiva, entende-se, que mesmo que tenha características de “romance”, o livro ainda tem validade histórica, pois sua trama não foi tecida sobre o nada, mas sim sobre um contexto social bem definido. Esta ideia é bem desenvolvida no artigo de Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr, que assim expressam sua percepção:

E se é bem verdade, como nota Soares, que sua utilização como fonte histórica precisa ser feita com os devidos cuidados metodológicos, não podemos, no entanto, nos dar ao luxo de circunscrever o livro nos limites da ficção literária, ao custo de perder de vista um precioso documento sobre o futebol brasileiro.³⁸

De toda forma, parece-me importante reforçar que se trata de uma obra que oferece um testemunho de seu tempo, logo, indício que pode e deve servir de fonte ao historiador. Se não pode dar testemunho “do que realmente aconteceu”, pode, certamente,

³⁶ SOARES, Antonio Jorge. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 1998.

³⁷ Idem, p. 8.

³⁸ HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cesar. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. 1998, p. 5-6.

informar como os indivíduos “pensavam – como interpretavam o mundo, conferiam-lhe significado e lhe infundiam emoção”, para ficarmos com Darnton.³⁹

Outro argumento presente nestes debates é a de que a obra de Mário Filho é feita com um objetivo: toda ela estaria permeada por uma ideia de “projeto de nação” e que muitos dos pesquisadores que se embasaram nesta obra esqueceram-se de tomar as devidas precauções no momento de analisá-la. Por precauções entende-se uma maior crítica ou questionamentos aos fatos e propostas presentes na obra, pois, como já dito, envolvem um projeto, característica que tende a enviesar e domesticar a leitura do pesquisador mais desatento. Assim, sem o devido cuidado, o pesquisador pode apenas comprar a ideia do autor sem questioná-la, apenas retransmitindo, sem a devida crítica, as intencionalidades do autor.

Todas estas críticas ajudam a aumentar as possibilidades de análise desta fonte e ajudam a dimensionar sua importância, podendo também criar um novo leque de possibilidades para esta fonte. Assim, acredito que todas estas críticas são importantes, pois ajudam a aprofundar e respaldar as discussões sobre o papel do futebol no Brasil, aumentando o debate e a discussão e logo, toda a dinâmica intelectual que envolve este tema. É importante ressaltar como, apesar de duras críticas, estes autores nunca deixam de entender NFB como uma obra de importância única e que devemos continuar utilizando como fonte, testemunho de seu tempo, mas lendo-a com os cuidados exigidos à leitura de quaisquer fontes.

Creio ter deixado claro que neste trabalho não procuro a “verdade positiva” da história do futebol brasileiro e por isso não me ocupo de vasculhar a fundo se cada história contada nesta obra é verdadeira. Também não pretendo dissecar a fundo qual o “projeto nação” que Mário Filho tinha em mente ao produzir esta obra. O que pretendo é analisar a forma como este texto, contando histórias reais ou não, ajudou a construir a representação que fazemos do futebol nos dias de hoje. Procurarei entender como este livro se insere nos mecanismos de construção da identidade brasileira em relação ao futebol. Então, neste trabalho, se há um projeto de nação incrustado no texto de Mário Filho este não é o meu foco principal e nem que este projeto serve de moldura para as histórias contadas nele. O que é interessante é perceber qual a importância desta obra para a formação da atual identidade brasileira em relação ao futebol, em que grau se deu o processo de apropriação das ideias desta obra, já que alguns pesquisadores (como o próprio Denaldo Alchorne de Souza)

³⁹ DARNTON, Robert. “Apresentação” In: O grande massacre dos gatos. 2. ed, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. XIII.

chegaram a colocá-la, junto com seu autor, lado a lado com nomes como Gilberto Freyre, (autor que escreveu o prefácio do NFB e lá já deixou a sua impressão positiva sobre a obra) Sergio Buarque de Hollanda e Caio Prado Jr, que nas décadas de 30 e 40 foram os principais autores a pesquisar as especificidades do “ser brasileiro”.

CAPITULO 03: MÁRIO FILHO E AS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO

Quais as contribuições de Mário Rodrigues Filho para a representação do que viria a ser considerado o futebol brasileiro? Pretende-se neste ultimo capítulo expor alguns dos aspectos, que acredito eu, contou com a significativa contribuição deste jornalista na construção desse universo simbólico.

3.1. Construindo o futebol como espetáculo

Uma das primeiras contribuições, já apontada nos capítulos anteriores, refere-se à verdadeira revolução que ele liderou no tratamento destinado aos esportes pelos jornais no final da década de 20, definindo um novo espaço para o tema. As transformações começaram com a entrevista que o jornalista fizera com Marcos Mendonça, goleiro do fluminense que anunciava sua volta ao futebol. A notícia em si tem pouca importância, mas o tratamento jornalístico dado a ela e a forma com que fora escrita geraram um impacto enorme. Para Nelson Rodrigues, esta entrevista representou um marco no jornalismo esportivo brasileiro. Em suas próprias palavras:

Em meia pagina, Mário Filho profanou o bom gosto vigente até em jornais de modinhas. Ao mesmo tempo, fundava a nossa língua. E não foi só: havia também, no seu texto, uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático e humorístico que ninguém usara antes. Criara-se uma distancia espectral entre o futebol e o torcedor. Mário Filho tornou o futebol íntimo do fato. E, em reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica com uma gíria libérrima.

Posso dizer que desde então ninguém influiu mais na imprensa brasileira. O próprio artigo de fundo deixou de ter a pose do mordomo de filme policial inglês. Nos tópicos, fazia-se, vez por outra, uma concessão à nova língua. Em suma: o jornal deixava de ser besta. E, graças ainda a Mário Filho, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página. Pouco antes, só o assassinato do rei de Portugal merecia uma manchete. E, súbito, o grande jogo começou a aparecer, no alto da página, em oito colunas frenéticas.

Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas. Abria-se a pagina de esporte e lá vinha o soco visual: o crioulo do Flamengo, de alto a baixo da página. E não era pose hirta. Mário Filho acabou com o craque perfilado como se estivesse ouvindo o hino nacional. O craque aparecia em pleno movimento,

crispado no seu esforço. E as figuras plásticas, elásticas, acrobáticas, enchiam as páginas de tensão e dramatismo.⁴⁰

As mudanças já encontradas nesta entrevista são muitas, começando pelo espaço – ela ocupava meia página, espaço nunca antes dado a uma matéria esportiva. Apresentava uma nova linguagem, simples e estimulante, muito parecida com a língua coloquial falada nas ruas e estádios, e em outras crônicas o jornalista mostrou como expressões e termos foram surgindo nos jogos de futebol e se incorporando ao gosto e cultura popular, atingindo assim um público bem maior.

Quanto ao aspecto visual ele trocou as fotos de jogadores de ternos e perfilados como que arrumados para fotos 3x4 por fotos de jogadores em movimento, em ação durante os treinos, saltando no momento do gol, geralmente em closes ampliados o que aumentava o apelo emocional e chamativo das matérias.

Em relação aos nomes de clubes, ao invés de se referir a eles da forma como o faziam os outros jornais – *Fluminense Football Club*, ou ainda, *O Clube de Regatas Flamengo* – passou a chamá-los apenas de Fluminense e Flamengo, assim como os chamavam os torcedores nas ruas e estádios. Ao substituir alguns dos inúmeros termos em inglês como campo a *field* ou *ground* ao se falar dos campos dos clubes e jogo a *meeting*, Mário Filho aproximava suas matérias de um público mais vasto.⁴¹

Assim o jornalista inovava a cobertura de eventos esportivos e ajudava a aumentar a popularidade deste jogo, mas não só isso, com essas mudanças ele criou e expandiu o idioma em torno do esporte e da própria linguagem popular, influenciando o próprio jeito de falar do brasileiro. Com essas mudanças ele ajudou a popularizar e expandir o público do futebol. E essas foram algumas das suas contribuições para que o futebol passasse de mero lazer para espetáculo de multidões.

3.2. A luta pela profissionalização

⁴⁰ RODRIGUES, Nekson. “O homem fluvial”. In: *O Sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 9.

⁴¹ LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista USP, Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n. 22(jun-ago), 1994, p. 68.

Outra grande contribuição foi a participação política que ele teve durante o conflito entre amadorismo e profissionalismo. Em 1933 ocorre a oficialização do profissionalismo que leva à separação do campeonato de futebol do Rio de Janeiro. Vasco da Gama, Bangu, Fluminense, América e Bonsucesso fundaram a Liga Carioca de Futebol (LCF) criando um campeonato à parte e adotando o modelo profissional, já os outros clubes, encabeçados pelo Botafogo, se mantiveram na Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (Amea) e permaneceram com o modelo amador.⁴² Diante deste embate Jose Sergio Leite Lopes nos conta:

Foi no contexto da concorrência entre dois campeonatos diferenciados, um do bloco dos times profissionais e outro do bloco dos times amadores, enfraquecendo momentaneamente os dois blocos e o conjunto do futebol, que Mário Filho pôde contribuir para transformar de maneira decisiva o público dos estádios em favor do novo profissionalismo.⁴³

Em 1932 Mário Filho, já trabalhando no jornal *O Globo*, cria o hábito de marcar suas entrevistas e conversas no Café Nice, “que desde então vira ponto de encontro e referência para pessoas ligadas ao futebol”.⁴⁴ Mas é muito mais que isso, pois este bar se torna o ponto de onde Mário Filho e seus aliados do profissionalismo vão começar a pensar o formato e a cobertura jornalística deste novo campeonato que iria começar já enfraquecido. Por ser jornalista e receber todos os clubes, o bar ganha um caráter “neutro” e assim ele pode articular de maneira política a adesão de outros clubes ao modelo profissional. Assim, deste bar, e com a divulgação do jornal *O Globo*, nasceram projetos como: o campeonato de torcedores, em que as torcidas mais animadas ganhavam prêmios assim como os torcedores mais criativos; também reinventou os “clássicos” a partir de suas histórias do passado, o primeiro foi o Fla-Flu que tinha um sentido totalmente diferente, mas que agora passa a se remeter à rivalidade destes clubes, já que no passado o Flamengo nascera do Fluminense, e muitas outras histórias.

Recorro mais uma vez a Jose Sergio para sublinhar a importância de Mário Filho no episódio:

⁴² Este contexto foi retirado de três obras: ANTUNES, Fátima M. Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa!* Futebol e Identidade Nacional em Jose Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. UNESP, 2004, p. 128; LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP* ... Op cit., p. 72; SOUZA, Denaldo Alchorne de. O Brasil entra em campo! ... Op cit., p. 39.

⁴³ LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada... Op cit., p. 72.

⁴⁴ ANTUNES, Fátima M. Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa!* ... Op cit., p. 127.

Seu papel será importante na medida em que seu interesse pelo fenômeno que representa o futebol é global, independente dos interesses imediatos de clubes, e sua prática da profissão de jornalista facilita-lhe a construção de uma posição de arbitro.⁴⁵

Como jornalista, que já havia visto seu próprio jornal esportivo falir por falta de público, Mário Filho sabia que só com a transformação do público o futebol poderia passar de mero esporte para espetáculo, um espetáculo popular. Ou como Fátima M. F. Antunes explica:

Para Mário Filho, o torcedor era quem dava ao futebol a grandeza que se tinha dele, não fosse isso, cada partida de futebol ou campeonato seria mero passatempo, uma atividade física que se esgotaria nela mesma; a atividade física pela atividade física. Mas, segundo ele, o público de massas é que teria sido responsável pela transformação dos objetivos do jogo.⁴⁶

Entre seus últimos esforços no interesse de cada vez mais transformar o futebol em espetáculo popular, está à defesa da construção do estádio do Maracanã para a copa de 1950. O tamanho (capacidade para 200.000) e a localização previstos no projeto eram bastante criticados por vários políticos, que queriam um estádio menor e mais afastado do centro. E mais uma vez ele atua fazendo forte campanha dentro da imprensa esportiva e agindo nos bastidores convencendo vereadores e autoridades envolvidas a autorizar o projeto de um estádio de proporções monumentais e bem no centro, proporcionando fácil acesso a grande maioria. Em 1966, com a morte de Mário Filho, o estádio recebe seu nome como homenagem.⁴⁷

3.3. Representações do futebol em *O negro no foot-ball brasileiro*

Nesta busca por reinventar o futebol no Brasil, vários cronistas da época passaram a buscar também uma nova forma do brasileiro jogar, ou melhor, uma maneira própria do brasileiro jogar, pois nessa época, década de 30, o brasileiro já se considerava o melhor do mundo. De acordo com Azevedo:

Cabe ressaltar que nos anos 30 o futebol já era visto como uma manifestação cultural tipicamente brasileira que teve importante participação nas discussões em torno da formação da unidade nacional ocorridas entre as décadas de 1930 e 1940, inclusive os brasileiros começaram a se considerar

⁴⁵ LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada... Op cit., p. 72.

⁴⁶ ANTUNES, Fátima M. Ferreira. *Com Brasileiro, Não Há quem Possa!* ... Op cit., p. 136.

⁴⁷ LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada... Op cit., p. 79.

os melhores do mundo no futebol a partir, em especial, da Copa da França de 1938, quando a vitória era tida como possível. Mesmo sendo derrotados na semi-final para a Itália, que iria se sagrar campeã do mundo naquela competição, os brasileiros não perderam a fé em seu futebol e a imprensa ajudou na construção da ideia de que o Brasil teria sido a melhor equipe da Copa de 1938 e que não teríamos chegado ao título devido aos erros, ou 'roubos', cometidos pela arbitragem a favor dos italianos.⁴⁸

Em relação à obra aqui tomada como documento, encontramos neste período o aparecimento de dois daqueles que vão servir de modelo para o jeito brasileiro de jogar futebol, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, em especial Leônidas.

Gilberto Freyre, responsável por assinar o prefácio da primeira edição desta obra, escreve assim sobre estes dois personagens:

Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança, dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez cause sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas de qualquer modo dança.⁴⁹

Neste fragmento temos dois grandes nomes do futebol desta época sendo reverenciados por Freyre, mas foi na figura de Leônidas da Silva que Mário Filho, mas também outros cronistas encontraram o ideal do jogador capaz de revelar o caráter nacional. E sua excepcionalidade não estava apenas na habilidade que tinha com a bola, no número de títulos ou de gols que marcara, pois havia jogadores da época que o superavam nestes quesitos. O que tornava Leônidas – apelidado de Homem Borracha e Diamante Negro – excepcional era o futebol recheado de jogadas consideradas impossíveis, inusitadas, realizadas no mais puro improviso.

Mário Filho dedica-se a Leônidas apenas no último capítulo, cujo título é “A ascensão social do negro”. Ele começa sua argumentação mostrando como a migração de vários jogadores brancos, principalmente de descendência italiana, para times da Europa influenciou na decisão pelo profissionalismo do futebol tanto aqui quanto na Argentina. Ao falar da tentativa de alguns negros de se mudar para a Europa em busca de melhores ganhos,

⁴⁸ BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial... Op cit.*, p. 42.

⁴⁹ FREIRE, Gilberto. “Prefácio” In: RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947, p. 3.

Mário Filho joga luz sobre a figura de Leônidas, jogador que, segundo o jornalista, preferiu ficar no Brasil a tentar a sorte na Europa.⁵⁰

Leônidas ainda era uma novidade, jogador de clube pequeno, Bonsucesso, mas no campeonato brasileiro de 31 teve sua oportunidade no escrete da seleção carioca e logo encantou:

O campeonato brasileiro começara, enquanto o Vasco não voltasse Leônidas podia tapar o buraco deixado por Nilo. Teve o seu lugar no escrete, a sua oportunidade. A torcida gostou logo dele, Leônidas fazia coisas que nenhum outro jogador fazia. Nem Nilo.

Nilo ficava esperando que lhe dessem a bola para marcar um gol, Leônidas não, sempre atrás da bola, correndo, sem parar, molhando a camisa, se matando em campo. E inventava jogadas. De repente plantava uma bananeira e, assim mesmo, de cabeça para baixo, prendia a bola entre os pés, depois dava um salto mortal. Um espetáculo.

Antes não se concebia um escrete sem Nilo, agora não se concebia um escrete sem Leônidas. De nada valeu Nilo voltar, marcar dois gols contra os Uruguaios na Copa Rio-Branco de 31, únicos dois gols do jogo.

O público queria Leônidas, exigia Leônidas. Nilo acabou compreendendo, adoeceu na hora do jogo. Estava escalado para jogar a finalíssima do campeonato brasileiro, entrou em campo, bonzinho, para escutar a multidão sem parar: ‘Leônidas, Leônidas, Leônidas!’ Nilo deu um chute, começou a capengar, daqui a pouco saía de campo, a multidão ainda gritando por Leônidas.⁵¹

Porem, como dito anteriormente, Leônidas ainda era uma novidade e sua carreira vai passar por altos e baixos até que se torne o ‘Diamante Negro’ do futebol Brasileiro. No momento em que ele aparece para o futebol, vários clubes vão tentar contratá-lo, só que naquela época quando um jogador mudava de clube tinha que ficar um ano jogando no segundo time, mas Leônidas não queria isso:

... Leônidas gostava de jogar, de plantar bananeira e campo. Era assim que recebia as palmas, que garantia um clichê de duas, três colunas, nos jornais. Se fosse para um segundo time, adeus palmas, adeus clichês nos jornais, adeus escretes.⁵²

Apesar disso chegou a assinar contrato com o América por três vezes e a falar com o compromisso nessas três ocasiões. Leônidas passou a ser excluído pelos jogadores do América, que se recusavam a jogar ao lado dele nos escretes cariocas, assim como pelos

⁵⁰ RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro*. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 184. “Bem fizera Leônidas em não escuta Jaguaré. O Barcelona podia ser muito bom, mas para os outros. Leônidas imaginou-se numa terra estranha, sem dinheiro. E preto ainda por cima. Se fosse branco, filho de italiano, mesmo se não fosse filho de italiano, se fosse branco só, iria para a Itália, mudando de nome.”

⁵¹ RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro*. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 185.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 187.

torcedores do América, que sempre o ridicularizavam durante os jogos, e logo por todos os jornalistas. Falava-se do América, falava-se da história do colar⁵³, tudo que pudesse ridicularizar o jogador:

Leônidas voltou a ser o moleque, o preto sem-vergonha, o negro sujo. A enorme torcida do América dando o exemplo, não deixando Leônidas em paz. Era fácil dizer não ligue, não se importe, Leônidas acabava perdendo a cabeça.

O Leônidas de 31, bom rapaz, amável com os jornalistas, o Leônidas que oferecia chopadas aos domingos no dia do seu aniversário, virou o irrequieto Leônidas de 32. Não aguentava uma vaia, uma nota de jornal, assim, assim.

Quando um clube queria derrotar o Bonsucesso, já sabia o caminho. Era ridicularizar o quadro negro de Gentil Cardoso, era reviver a estória do colar.⁵⁴

Contudo veio a Copa Rio Branco de 1932 e Leônidas foi convocado para fazer parte da seleção nacional e apesar das inúmeras tentativas de que Leônidas não jogasse, ele jogou e novamente surpreendeu:

Era uma coisa que Renato Pacheco não admitia: Leônidas vestindo a camisa da CBD. A estória do colar. E quando Leônidas joga, marca os dois gols da vitória brasileira, a CBD teve que se esquecer do colar. Ninguém se lembrava mais do colar e, mesmo que se lembrasse, Leônidas marcara os dois gols da vitória brasileira, o resto não tinha importância.

A CBD associou-se às homenagens a Leônidas, todo mundo só queria saber de Leônidas e de Domingos. Um marcara dois gols, o outro não deixara passar nenhuma bola. Os símbolos do futebol brasileiro: Domingos e Leônidas.

Havia outro, Fausto. Mas Fausto estava longe, não disputara a Copa Rio Branco. Assim Domingos e Leônidas açambarcaram todas as atenções. Principalmente Leônidas.

No cortejo da vitória, a Avenida Rio Branco não se podia andar, como um terceiro dia de carnaval. Leônidas ficou na capota arriada de um automóvel, abraçado a Copa Rio Branco. E ‘Leônidas, Leônidas, Leônidas!’.⁵⁵

Leônidas volta a cair nas graças do povo, volta a ser ídolo. Os cronistas da época não poupavam elogios. Abaixo, Mário Filho descreve uma jogada de Leônidas na Copa Rio Branco de 1932:

Leônidas fizera uma coisa estranha. Nunca em Montevideu se vira nada parecido; de frente para o gol, Leônidas dera um salto para trás, ficara de cabeça para baixo, de pernas para cima, pedalara no ar, alcançara a bola com

⁵³ “A acusação foi feita logo após uma excursão do Bonsucesso a São Paulo, de 22 a 31 de janeiro.” RODRIGUES FILHO, Mário L. Op cit., p. 191. “Uma mulher tinha ido a polícia fazer queixa de Leônidas. Os jornais abriram colunas: mais uma do irrequieto Leônidas.”

⁵⁴ Idem, ibidem, p. 191.

⁵⁵ Idem, p. 194-195.

o bico da chuteira, estendera um passe de mais de cinquenta metros para Walter.⁵⁶

Domingos e Leônidas se tornam as principais figuras do futebol nacional, porem, com boas propostas de times Uruguaios acabam se transferindo. Leônidas não se adaptou bem no exterior, os uruguaios não estavam acostumados às bananeiras que ele plantava em campo.⁵⁷ Já no Brasil, o Bangu, um time com maioria de mulatos e negros,⁵⁸ vence o campeonato carioca de 1933 deixando os clubes cada vez mais interessados em contratar jogadores negros. Assim, o Botafogo, time até então bastante elitista e que apoiava o amadorismo, acabou por contratar Leônidas. Sem conseguir se adaptar ao novo time, Leônidas briga e acaba indo para o Flamengo. No Flamengo, a popularidade de Leônidas só aumentou. O clube que tinha o propósito de ser o clube mais popular e querido do Brasil⁵⁹ contratou todos os grandes jogadores negros, todos já escolhidos ídolos do Brasil. Jogar em um time grande e popular e ao lado de grandes ídolos negros da época, ajudou a fomentar a imagem de Leônidas como ídolo, ídolo nacional.

A cor ajudando Leônidas, tornando-o mais carioca e, num certo sentido, mais brasileiro. Muito mais brasileiro que Romeu Pelicari, quase louro de olhos azuis. O que seria bairrismo do carioca se transformaria em patriotismo do brasileiro, do qual não escaparia o próprio paulista, que, em condições de escolher o paulista Romeu como herói do campeonato do mundo, acabou escolhendo o carioca Leônidas.⁶⁰

Leônidas e Domingos eram com certeza dois jogadores negros alçados à representação de ídolos nacionais, mais entre eles encontramos diferenças que ajudam a entender o porquê do primeiro ser escolhido como a representação do estilo de jogo do brasileiro. (Como analiso o discurso de representação produzido na obra NFB de Mário Filho, encontro aqui às referências de que este autor escolheu Leônidas como seu modelo. As referencias serão introduzidas mais a frente)

Diria que a favor de Leônidas existia, segundo a perspectiva de Mário Filho, o jeito de lidar com o público e a popularidade daí decorrente. Outra diferença importante dizia respeito à posição dos dois craques em campo, já que Leônidas jogava no ataque e Domingos

⁵⁶ RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro...* Op cit., p.138.

⁵⁷ Idem, p. 204.

⁵⁸ Idem, p. 204. “Nada mais natural, portanto, que aquele ano de 33 fosse um ano glorioso para os mulatos e para os negros. O Bangu campeão da cidade com oito mulatos e pretos no time.”

⁵⁹ Idem, p. 209

⁶⁰ Idem, p. 209.

na defesa, porem mais a frente mostrarei como essa diferença era bem mais complexa do que uma simples diferença de posição.

Em relação à forma como os dois lidavam com a fama, Mário Filho ajuda a compreender como se construía diferentes representações sobre os dois craques:

Ver Leônidas era conhecê-lo. Vê-lo na luz, prosaicamente, feito um simples mortal. Um bom rapaz, o Leônidas, sempre alegre, mostrando os dentes que, mais tarde, iriam servir de propaganda de muita pasta de dentes, apertando a mão de todo mundo, naturalmente, sem pose, como se não fosse o ‘Diamante Negro’.

Diferente de Domingos. Domingos tão longe, Leônidas tão perto, juntinho. O que bastaria para justificar a preferência do torcedor. O torcedor achando que não fora apresentado a Domingo, que era intimo de Leônidas. Que Leônidas não lhe escondia nada.⁶¹

Domingos criou uma distância entre ele e o torcedor que o admirava de longe, guardando o devido respeito, tratando-o por Doutor, Professor, Mestre. Para Mário Filho, Domingos tinha um tipo de fama que necessita de um pouco de cerimônia para ser mantida.⁶² Já Leônidas não, ele era popular e popularidade alimentava-se da intimidade, permitia a confiança de apelidos, como Diamante Negro e Homem Borracha. Esse jeito popular do Leônidas o aproximou cada vez mais do torcedor, cada vez mais do povo, cada vez mais da condição de símbolo do povo.

A outra diferença era a posição, porem Mário Filho nunca deixa de ressaltar também a genialidade de Domingos jogando na defesa, como num lance de Flamengo e Botafogo em 1934.

A multidão ficou quieta, parecia que o estádio se esvaziara de repente, que o jogo acabara há muito tempo. Os atacantes do Botafogo partiram para cima de Domingo, Domingos, aí, se mexeu, começou a andar, devagar, balançando o corpo, dando dribles de meio milímetro.

Driblou um, dois, três, quatro, cinco, esperou um pouco, para ver se vinha mais alguém, não veio mais ninguém, ele esticou um passe de cinquenta metros, certinho, depois deu meia volta – a bancada social do Fluminense assim de moças, florida, a mesma corbeille de vinte, trinta anos atrás – curvou-se num comprimento.⁶³

⁶¹ RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro...* Op cit., p. 212.

⁶² Idem, p. 214.

⁶³ Idem, p. 215.

Mas como já foi dito, Domingos jogava na defesa e tinha como principal tarefa impedir o gol, já Leônidas não, ele jogava no ataque, porém o mais interessante é que essa diferença não tem nada a ver com posição, mas sim com o jeito de jogar:

Talvez porque o que Leônidas fazia fosse mais **brasileiro**, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos. Como o **samba**. Toca-se um **samba**, seja onde for, só se **vê gente gingando o corpo**. Domingos gingava, mas não desmanchando todo, como Leônidas. **Dançando samba, jogando futebol.**⁶⁴

As maneiras inimagináveis que encontrava para marcar seus gols e o seu jeito de jogar alimentavam a construção de sua imagem. Como quando dava uma bicicleta:

... na maior bicicleta de todos os tempos, chuta a bola como se a jogasse com a mão, e olhando bem, na última gaveta, lá em cima, no lado direito do gol de Bello. O gol foi tão bonito que Bello saiu correndo para cumprimentar Leônidas. E atrás dele Coleta, e atrás de Coleta, Martinez. Depois é que chegou a vez dos companheiros que fizeram, ele sendo a pedra fundamental, uma pirâmide humana para comemorar o grande gol.⁶⁵

Diziam que ele era o autor da “bicicleta”, mas se não foi ele que diferença faz na construção de um personagem, na construção de um imaginário, pois, verdade ou não, a “bicicleta” ficou famosa com ele: “... Leônidas é que ensinava tudo. Foi só ele dar uma bicicleta, a bicicleta passou adiante, nos campos, cãs peladas, pelo Brasil afora não houve quem não dessa bicicletazinha.”⁶⁶

Sua excepcionalidade não estava na habilidade com a bola, no número de títulos ou no número de gols, pois havia jogadores da época que o superavam nestes quesitos⁶⁷, mas sim nas jogadas impensadas, no repertório de jogadas inimagináveis, no improvisado, na criatividade, no jeito diferente de jogar.

Mais uma vez Mário Filho foi quem melhor explicou a singularidade deste jogador:

... Qualquer coisinha de Leônidas, porém, o estádio quase vinha abaixo, Leônidas, Leônidas, Leônidas! Pouco importava que ninguém tivesse visto

⁶⁴ RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro...* Op cit., p. 216. (grifos meus) Interessante atentar para esse par samba/futebol que remete a certa representação do corpo negro, cuja “natural” ginga responde pelas desconcertantes e quase impossíveis jogadas tão presentes no futebol de nossos craques, assim como pelo remelexo próprio ao corpo-que- samba.

⁶⁵ Idem, p. 147.

⁶⁶ Idem, p. 216.

⁶⁷ SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! ...* Op cit., p. 119.

direito a jogada do ‘Diamante Negro’. Uma espécie de mágica, zá-trás, a bola estava dentro das redes, o resto não interessava.

Ia se discutir como fora, como não fora, depois do jogo. A jogada de Leônidas, não a jogada de Domingos. Quem é que não sabia como fora a joga de Domingos? Os fotógrafos até ajeitavam a lente, armavam a máquina, parecia que iam bater uma pose. Nada naquela afobação para um instantâneo de Leônidas, agora ou nunca.

A chapa de Domingos saía nítida, via-se tudo, a gravura nem precisava caprichar. A de Leônidas saía tremida, exigindo o retoque. O retoque da fantasia. O torcedor gostava de dar seu retoquezinho, de botar alguma coisa de seu na descrição de um lance. Com Leônidas podia soltar as asas da imaginação.⁶⁸

Assim, com Leônidas, o futebol brasileiro se afastou cada vez mais de um modelo inglês, frio e impessoal, para se aproximar de um jeito que refletia uma ideia de brasilidade, um jogo que incorporava a dança, a ginga, a arte do improviso, em suma, o que se convencionou chamar de “jeito brasileiro” de jogar futebol. Relembrando as palavras de Gilberto Freyre: “o futebol brasileiro é dionisíaco, a nossa dança dionisíaca. Dionisíaco como Leônidas e não apolíneo como Domingos.” Com Leônidas, e toda a mágica que envolvia os discursos/representações em torno da forma como ele jogava, os cronistas encontraram o modelo perfeito para a constituição da representação daquilo que definiria o tipo de futebol brasileiro; agora nós tínhamos nossa própria maneira de jogar futebol, um futebol ofensivo e que valoriza a criatividade do craque. A partir de então o brasileiro jogava o “futebol-arte” que é diferente do “futebol-força” jogado pelos europeus, para os cronistas este futebol brasileiro representava “utilizar o potencial individual de cada um para construir uma obra de criação coletiva.”⁶⁹ O futebol brasileiro agora tinha uma cara, uma cara que, para cronistas como Mário Filho, era a cara do brasileiro. Nas palavras de Mário Filho:

A multidão não se enganava quando pulava para dentro do campo para carregar Leônidas em triunfo. Os braços se estendendo para pegar Leônidas, para tocar em Leônidas. Por isso, durante o campeonato do mundo, depois de uma vitória brasileira, o povo inundava as ruas, e só se ouvia Brasil e Leônidas.

Nenhum grito de Domingos, de Romeu, de Peracio, de qualquer outro jogador que, como Leônidas, tinha corrido em campo, molhado a camisa, lá em Estrasburgo, lá em Bordéus, pela vitória do Brasil. Aquele Brasil, aquele Leônidas, juntos, um puxando o outro, exprimiam tudo.⁷⁰

Tratei aqui da vida, da obra e dos discursos que Mário Filho ajudou a criar sobre o futebol. E com isto tento mostrar como alguns aspectos de sua trajetória foram relevantes na formação do discurso que formou a atual identidade brasileira em relação ao futebol.

⁶⁸ RODRIGUES FILHO, Mário L. Op cit., p. 276.

⁶⁹ BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial ...* Op cit., p. 49.

⁷⁰ Idem, p. 217-218.

Em seu papel como jornalista, e adotando assim todas as características que este “lugar de fala” lhe proporcionava, é possível destacar uma série de fatores importantes que ajudam a entender a força de seu discurso:

... a sensibilidade que tinha de sobra, a proximidade com que se aproximava dos diversos mundos, o fato de ser uma pessoa influente e poderosa dentro do meio jornalístico, as possibilidades materiais de divulgação de seus escritos e, finalmente, a qualidade literária de sua obra.⁷¹

Dentre os exemplos demonstrados foi possível perceber vários destas características sendo utilizadas na construção de um imaginário que procurava “espelhar” a constituição do que seria uma nova maneira de jogar, ou melhor, do novo jeito brasileiro de jogar. Como José Sergio escreveu ao falar de um dos papéis de Mário Filho:

É nesse sentido que Mário Filho aparece como um reformador menos das regras explícitas do futebol que do sentido do jogo, ou seja, das condições sociais que podiam transformar um esporte em espetáculo popular, ou ainda em representação simbólica e eufemística de uma questão social para a definição das propriedades morais e corporais, no esporte inseparáveis, que definem o individuo de excelência.⁷²

Assim, por sua genialidade, sagacidade e posição privilegiada dentro da imprensa esportiva, Mário Filho pode antecipar e participar ativamente dos futuros rumos deste esporte. E neste trabalho estão algumas das características presentes em sua obra e em sua trajetória de vida que fizeram com que este jornalista fosse capaz de criar condições e discursos capazes de produzir uma mudança não nas regras do jogo, mas no sentido, em que um jogo passa de apenas de passatempo das elites para esporte e paixão nacional.

⁷¹ SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!* ... Op cit., p. 197.

⁷² LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. ... Op cit., p. 77.

CONCLUSÃO

Durante o curso deste trabalho tentei problematizar e elucidar as questões levantadas já em sua introdução. Procurei mostrar como aspectos que compõem a identidade de uma nação (ou povo) são na verdade construções; eles são articulados e concebidos como projetos pelos diferentes grupos sociais. No caso, tratei do futebol na formação da identidade nacional brasileira e das contribuições do jornalista Mário Rodrigues Filho na construção de um desses projetos.

Destaco aqui sua importância, mas entendo que este projeto envolvia outros cronistas, políticos da época, dirigentes de esporte e vários outros setores da sociedade que simpatizavam com este modelo para o esporte. Entendo que este projeto não era consensual e que todo processo de criação de representação é uma batalha de diferentes discursos e que o mais forte acaba por prevalecer, como nos lembra Chartier: “as representações do mundo social embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses dos grupos que as criam.”⁷³

Entendo também que o Brasil é um país de dimensão continental e que nem tudo que acontece no Rio de Janeiro ressoa de maneira idêntica em outros lugares do Brasil. Então, acredito que a paixão pelo futebol esteja espalhada por todo o Brasil, mas não que o discurso de Mário Filho correu o Brasil de maneira uniforme e que todos, ao ouvi-lo, se sentiram representados. Imagino que o pernambucano no interior do estado ou mesmo na capital Recife ou o gaúcho no sul do país foi interpelado por diferentes representações, algumas delas talvez bastante distantes daquelas que teve em Mário Filho um porta-voz autorizado, nos moldes do que diz Bourdieu,⁷⁴ porém acredito que eles se reconheceram e se reconhecem na imagem de futebol cujos primeiros contornos foi dado também pelos discursos daquele jornalista.

Ao falar de projeto mais forte entendo, neste caso, aquele que encontrou mais respaldo/adesão, não apenas em termos políticos, mas expresso em práticas e discursos cotidianos que envolveram grande parte da sociedade brasileira em sua relação com o futebol.

⁷³ CHARTIER, Roger. *Historia Cultural: entre praticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

⁷⁴ BORDIEU, Pierre. A linguagem autorizada. In: *A economia das trocas lingüísticas*. 2 ed., São Paulo: Edusp, 1998. “Há uma retórica característica de todos os discursos institucionais, quer dizer, da fala oficial do porta-voz autorizado que se exprime em situação solene, e que dispõem de uma autoridade cujos limites coincidem com a delegação da instituição.” p. 87.

Como já vimos os discursos não podem ser produzidos do nada porque assim não encontrariam resposta da sociedade, eles precisam de uma base produzida a partir de práticas/valores presentes no dia-a-dia da população. E este é um dos créditos que deve ser dado a este projeto e a seus arquitetos, que foram capazes de produzir um discurso que projetasse bem as práticas e vontades já presentes na sociedade brasileira em relação ao futebol.

Ao falar do processo de aceitação de uma memória coletiva, e assim de uma representação, Michel Pollak mostra a importância da aceitação afetiva dos grupos a este projeto:

Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva do grupo, donde o termo que utiliza, de "comunidade afetiva".⁷⁵

Esta ideia elucida bem o caso brasileiro em relação ao futebol. Longe de ser uma imposição, estes discursos que tratam do esporte fomentam uma paixão pelo futebol que já crescia no meio do povo brasileiro e como que “procurava” sua forma de expressão.

Porem, como estes discursos se desenvolveram ao longo do tempo? Como o brasileiro e os outros passaram a reconhecer esta identidade brasileira no que diz respeito ao futebol? Bem, há um interessante exemplo que trata da imagem, ou da identidade do futebol brasileiro no exterior. No mês de junho do ano corrente uma importante revista esportiva britânica (FourFourTwo), sem esquecer que este é o país onde “nasceu” o futebol, lançou uma matéria de capa em que decretava a morte do futebol brasileiro, o título é “Death of Brazil” (Morte do Brasil).⁷⁶ Entre as razões ali arroladas e que explicariam a crise do futebol brasileiro, duas são bem interessantes. Diz a matéria: “O futebol [brasileiro] é feio” (referindo-se ao futebol apresentado por nossos jogadores na Copa de 2010) e “Eles não têm estrelas”. Algumas destas críticas também são apontadas pelos cronistas brasileiros de hoje, porem sem que se chegue a decretar, como o fizeram os ingleses, a sua morte.

⁷⁵ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, Rio de Janeiro, 1989, p. 1.

⁷⁶<http://oglobo.globo.com/blogs/planetaquerola/posts/2011/06/09/revista-inglesa-decreta-morte-do-futebol-brasileiro-385542.asp>. Acessado em 05/07/2011.

As críticas apontadas por esta revista mostram características bem semelhantes às aquelas elencadas para o futebol brasileiro nos seus primeiros anos. Todas essas críticas mostram como nós brasileiros, assim como o mundo futebolístico de maneira geral, esperam um tipo de jogo da seleção brasileira e um tipo de jogador compondo esta seleção. Não queremos apenas ganhar, queremos ganhar bonito, não queremos o bom jogador, nós queremos o craque. E não foi este modelo de futebol que aqueles primeiros cronistas pensaram para o futebol brasileiro? Ainda não repetimos e buscamos o mesmo projeto de futebol brasileiro apresentado nos primeiros anos de sua formação? Bem este exemplo me faz crer que sim. Mas também pensar que tudo não foi simples assim, um discurso pronto e acabado que passou por várias gerações, foi um longo processo de confrontações e afirmações, em que este discurso sempre esteve buscando sua hegemonia frente a outros discursos, mas que sempre prevaleceu se afirmando e se renovando.

Ao dizer afirmar e renovar penso na história da seleção brasileira e dos principais jogadores brasileiros que já atuaram no futebol nacional, internacional e na seleção. O brasileiro ficou muito mal acostumado com a sua seleção e com razão, como já dito, nenhum discurso surge do nada, sem uma base concreta de fatos e práticas, e os discursos que envolvem a Seleção Brasileira, seu jeito de jogar e a habilidade do jogador brasileiro são sempre reforçados por uma história de vitórias e craques. Por exemplo: *temos* a única seleção pentacampeã mundial, *somos* os únicos a participar de todas as edições da Copa do Mundo FIFA, *somos* o time com maior número de vitória em uma edição da Copa do Mundo (7 em 2002), *temos* (junto com Alemanha) o maior número de participações em finais (7)⁷⁷, *nossa* seleção é incrível e o brasileiro tem razão em cobrar e esperar dela sempre o melhor. Por outro lado, há as realizações dos *nossos*⁷⁸ craques: só pra começar Pelé foi o melhor jogador de todos os tempos, simplesmente o Rei do futebol é brasileiro; Ronaldo (o Fenômeno) é o maior artilheiro Copas do Mundo (com 15 gols) e empatado com Zidane é o maior vencedor do prêmio de Melhor do Mundo FIFA; sem falar que o Brasil lidera disparado (com 8 prêmios, a França que é a mais próxima tem apenas 3) o número de prêmios de Melhor do

⁷⁷http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Recordes_da_Copa_do_Mundo_FIFA#Sele.C3.A7.C3.B5es ou <http://pt.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecords/associations/association=bra/worldcup/index.html>. Acessado em 05/07/2011

⁷⁸ E existiria outra forma de construir esse argumento sem apelar para o *nós* tão caro às expressões de identidade coletiva que mesmo sendo criações mentais são efetivamente vividas como a mais pura realidade?

Mundo FIFA,⁷⁹ sem esquecer de jogadores como Zico, Romário, Kaká, Ronaldinho Gaúcho e vários outros que fizeram história como grandes craques.

No início existiu todo um discurso que ajudou a configurar as características do futebol nacional e do sentimento que une os brasileiros em torno do futebol. Hoje a história da Seleção e dos craques que já passaram por ela ajuda a manter esse sentimento – que é também a forma de expressão das representações. Porém é muito mais que isso, os discursos que envolviam o futebol tentavam criar não só o jogador brasileiro, mas o jogador que tivesse as características que eles entendiam compor o jeito de ser do brasileiro. Assim formaram uma espécie de jogo e de jogador que se identificavam com ser o brasileiro. Com o tempo essas duas instâncias, o brasileiro e o jogador, foram ficando cada vez mais próximas e dependentes. No começo o brasileiro ajudou a definir o jogador e agora o jogador ajuda a definir o brasileiro.

⁷⁹http://pt.wikipedia.org/wiki/Melhor_jogador_do_mundo_pela_FIFA ou http://www.campeosdofutebol.com.br/melhor_jog_mundo.html. Acessado em 05/07/2011

FONTE DOCUMENTAL

RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro*. 1ª Ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário L. *O negro no foot-ball brasileiro*. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FIFA. Melhor jogador do mundo FIFA, disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Melhor_jogador_do_mundo_pela_FIFA ou http://www.campeoesdofutebol.com.br/melhor_jog_mundo.html. Acessado em 05/07/2011.

FIFA. Premios copa do mundo FIFA, disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Recordes_da_Copa_do_Mundo_FIFA#Sele.C3.A7.C3.B5es ou <http://pt.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecords/associations/association=bra/worldcup/index.html>. Acessado em 05/07/2011.

FOURFOURTWO. Revista britânica disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/planetaquerola/posts/2011/06/09/revista-inglesa-decreta-morte-do-futebol-brasileiro-385542.asp>. Acessado em 05/07/2011.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. 2 ed., São Paulo: UduSP, 1998.

CHARTIER, Roger. *Historia cultural: entre praticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

DARNTON, Robert. “Apresentação” In: *O grande massacre dos gatos*. 2. ed, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cesar. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 147-165, 1999.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão” In: Denise Jodelet (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2001.

LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n. 22(jun-ago), p. 64-83. 1994.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, Rio de Janeiro, 1989.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA, Tadeu Tomaz. “A produção social da identidade e da diferença” In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

SOARES, Antonio Jorge. A modo de resposta. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.23, p. 166-173, 1999.

SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 1998.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

Declaração de Autenticidade.

“Eu, Miguel Eloi de Carvalho Junior, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso aqui intitulado *Porque somos o país do futebol? Os discursos de representação presentes na vida e na obra do jornalista esportivo Mário Rodrigues Filho* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referencias a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado em outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmica, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.”

12/07/2011,